

DEUS E SEU NOME¹

Swami Paratparananda²

Curitiba, 5 de agosto de 1977

No *Rig Veda*, o registro mais antigo preservado até agora sobre a religião, encontramos este verso, “A Realidade ou Verdade é Única, os sábios a chamam com distintos nomes”. Esta foi a experiência dos sábios e foi uma verdade muito apreciada e inculcada pelos hindus desde tempo imemorial. Por conseguinte, eles respeitaram sempre e ainda continuam respeitando todos os nomes da realidade e a todas as religiões como verdadeiras. Essa única realidade é chamada por alguns como Deus, por outros de distintas maneiras como Allah, Bhagavan, Brahman, Rama, Krishna, Kali, etc. Mas os que ignoram esse aspecto do Hinduísmo, com motivos interessados, o qualificam como panteísmo, etc. São como a rã do poço que nunca conheceu nada, senão seu pequeno poço, e acreditava que nada poderia ser maior que seu poço. Mas agora alguns pensadores em todas as partes do mundo se deram conta de que a humanidade inteira não pode ter uma ideia única sobre costumes, a religião, a forma de vida, etc., que a variedade é imprescindível no mundo, que todos não podem ter as mesmas aptidões nem inclinações e cada um tem o direito de escolher seu caminho e forma de vida. Deus mesmo criou todas as religiões para prover à cada um o necessário para seu desenvolvimento espiritual, de outro modo não existiriam várias religiões. Da mesma maneira, Ele apareceu ante Seus devotos em distintas formas para satisfazê-los e abençoá-los com a bem-aventurança. Por conseguinte, aquele que quer receber esta benção deve ater-se a um ideal, a uma forma de Deus que lhe atraia, sem menosprezar Suas outras formas e nomes.

Se pode perguntar, “Então aquele que quer pensar em Deus sem forma, não deve fazê-lo?” É certo que sim, mas são muito poucas as pessoas que podem fazê-lo. Enquanto se estiver consciente do corpo, enquanto pensar em ‘eu’ e ‘tu’, o mundo e seus objetos, é melhor recorrer a uma forma de Deus, pois isto o

¹ Este texto foi traduzido e editado do áudio da palestra em questão, que está disponível no original em espanhol em: <https://estudantedavedanta.net/parataudio.html>.

² Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

ajudará muito. Do contrário, como disse Sri Krishna no *Bhagavad-Gita*, “Muito árduo será o trabalho daqueles se atraem pelo Não-manifestado, pois a meta desse caminho é difícil de alcançar pelos que são conscientes do corpo”. Além disso, o mundo fenomenal inteiro está constituído de nome e forma. Não se pode recordar uma forma sem referir-se ao seu nome. Tampouco se pode recordar a um nome sem pensar na forma. Os dois estão intimamente relacionados. As pessoas podem dar grandes discursos e práticas sobre suas ideias do absoluto e sua preferência por esse caminho, mas são muito poucos os que podem pôr em prática o que falam, pois é difícil pensar no absoluto, o sem-forma. Teremos que recorrer a alguns conceitos ou quadros, tais como o espaço ou o infinito oceano, os quais não são senão outras formas e ideias.

Um dos métodos mais eficazes adotados pelos seguidores de todas as religiões para aproximar-se de Deus é a repetição de Seu santo nome. Sri Ramakrishna costumava dizer, “Por acaso o nome [de Deus] é pouca coisa? Não há diferença alguma entre Deus e Seu nome. Satyabama, uma esposa de Sri Krishna, tentou pesar a Krishna com ouro e pedras preciosas, mas não conseguiu. Rukmini, outra esposa, colocou uma folha de Tulsi com o nome de Krishna no outro prato da balança e isto equilibrou o peso do Senhor. Isto nos pareceria um mito ou conto de fadas, no entanto não é difícil comprovar a identificação que uma pessoa sente com seu nome. Suponhamos que alguém insulta uma pessoa dirigindo-se a ele por seu nome, qual será a reação dessa pessoa? Em seguida se enfurecerá e se é forte, reagirá com bofetadas ou não o deixará ir sem pedir perdão, e até uma pessoa muito fraca se sentirá agitada e esperará o momento oportuno para devolver o insulto. Vemos assim que o nome não é pouca coisa. O mero pronunciar ou ouvir o nome de uma pessoa conhecida traz a nossa mente suas qualidades ou defeitos, ou as características principais que a diferencia de outra. Em cada momento de nosso estado de vigília estamos ocupados em pensar em objetos ou pessoas por seus nomes e em seguida em seus méritos ou deméritos. Mais ainda, mesmo nos sonhos este procedimento continua. O que o praticante religioso faz é mudar o centro de atração, dos objetos do mundo para Deus. Pela repetição do nome do Ideal ou de qualquer forma de Deus, o devoto traz a sua mente a bondade e outras qualidades do Senhor ou as inumeráveis façanhas de Suas Encarnações, cada uma das quais mostram a bondade, a compaixão que derramaram sobre Seus devotos. Assim como pensando constantemente em algo, adquire-se apego por isso, do mesmo modo pensando em Deus ou Suas Encarnações, pode-se ter atração, apego por Ele. Para isso os sábios recomendam a repetição do santo nome de Deus. Este método é muito antigo e ao mesmo tempo muito eficaz. Por essa prática [muitos] alcançaram ao Altíssimo.

Todos vocês devem ter ouvido falar da epopeia *Ramayana*. Se diz que o escritor desse livro, Valmiki, antes de converter-se em um sábio era assaltante de estradas, vivia em um bosque e roubava aqueles que passavam por ali. Um dia o sábio Nárada ia por esse bosque quando esse ladrão o assaltou. O sábio, que não tinha nada, salvo um instrumento musical de cordas, em vez de assustar-se com o assaltante, lhe perguntou, “Bom homem, por que você faz isto? Sabe que está fazendo mal a você mesmo por esta sua conduta? Por acaso aqueles que você mantém ganhando a vida desta maneira vão compartilhar de seus pecados?” Isto deixou o homem perturbado. Nárada continuou, “Vá para casa e averigua com seus parentes se eles estão dispostos a fazê-lo. Pode me prender aqui a uma árvore para assegurar-se que não vou escapar.” O homem seguiu suas instruções ao pé da letra, prendeu ao sábio a uma árvore e foi a sua casa e fez a pergunta que lhe havia perturbado tanto. Sua mulher lhe disse, “Eu não compartilho de seus pecados, nem sei como ganha a vida. Você se casou comigo e é seu dever manter-me.” Os pais também lhe disseram que não podiam aceitar nenhuma parte de seus pecados e como filho era seu dever sustentá-los em sua velhice. O homem, muito angustiado ao ouvir as respostas daqueles que pensava que eram seus muito íntimos e queridos, voltou para onde estava Nárada, o sábio. E prostrando-se diante do sábio lhe pediu que o salvasse de seu destino horrível. Então Nárada lhe ensinou o nome de Rama, mas desgraçadamente era tal a condição em que se encontrava devido a suas ações cruéis e ímpias que nem podia pronunciar este simples nome. Mas a bondade de Nárada era imensa, sem limites, e com muita paciência lhe ensinou e lhe pediu que repetisse “Mara”, o inverso de Rama e que isso o salvaria de todos seus atos pecaminosos. E o ladrão, utilizando este nome, que repetido várias vezes se torna “Rama”, chegou a ser Valmiki, o primeiro entre os poetas da literatura sânscrita e um verdadeiro sábio, alcançando a mais alta realização. Este é um exemplo em que aparentemente não houve nenhum preparativo anterior, pelo contrário, tudo [em sua vida anterior] parecia contraproducente para a vida espiritual, no entanto repetindo o nome do Senhor ainda que fosse incorretamente, mudou o rumo de sua vida. Por certo o que lhe ajudou foi a angústia e o desejo de liberar-se de seu iminente destino terrível e a personalidade santa de Nárada, quem o iniciou nessa vida.

Kabirdas, um muçulmano de nascimento, se aproximou de Ramananda, um ser altamente espiritual de sua época, e lhe pediu que o iniciasse. Mas o mestre, sendo um hindu, não quis dar instrução a Kabir. No entanto, era tão grande a confiança deste último em Ramananda que, observando sua rotina diária, certo dia muito de madrugada foi às margens do Ganges e se deitou sobre a escalinata onde o mestre ia se banhar todos os dias quando ainda estava

escuro. Nesse dia quando descia pela escalinata, pisou sobre o corpo de Kabir e Ramananda, pronunciando o nome de Rama, pensando que havia machucado a alguma criatura, retrocedeu. Então Kabir se levantou e se prostrou diante do mestre dizendo humildemente que já havia recebido a iniciação. Tomou este nome de Rama como uma fórmula sagrada. Desde então dedicou sua vida a Deus adorando-O pela mera repetição de Seu nome e teve várias visões de seu Ideal. Há muitos cantos de Kabirdas que expressam sua angústia por ver ao Senhor e também suas experiências espirituais.

Poderíamos seguir citando exemplos de pessoas cuja prática não consistia em outra coisa senão a repetição do santo nome do Senhor e que foram abençoadas com Sua visão, mas esperamos que os já citados sejam suficientes para que nos demos conta de que este método apesar de ter sido adotado desde tempo muito remoto ainda continua em vigência e é eficaz. Por isso os sábios hindus deram muita importância ao nome [de Deus]. Alguns dos grandes santos até chegaram a dizer ao Senhor, “O que me importa de Ti e Tua ajuda? Me basta Teu nome e o resultado da repetição desse nome, pois ouvi que Teu nome salvou de grandes perigos até os malvados mais arraigados, então não me salvará?” Por certo eram seres que viram a Deus e por isso tinham plena confiança n’Ele. Há alguns cantos de Ramprasad, um devoto da Divina Mãe, que exaltam a glória do nome de Deus. Em um deles disse, “Ó mente, tu não sabes como plantar, árido está o campo de tua vida. Se tivesses trabalhado bem, que rica colheita terias conseguido. Cerque-a por todos os lados com o nome de Kali, se for manter a salvo tua colheita. Esta é cerca mais forte de todas, pois a própria morte não pode aproximar-se. Cedo ou tarde amanhecerá o dia em que terás que perder teus preciosos campos, por isso agora mesmo junta, ó mente, a fruta que queres. Como semente, semeie o santo nome de Deus que teu Guru te deu, regue-o com amor e se achares muito árduo o trabalho, chama por ajuda à Ramprasad.” Nessas poucas linhas está descrita a condição em que se encontra um ser humano comum. O corpo é o campo de que a mente pode servir-se para alcançar grandes logros, no entanto o homem não se aproveita dele, senão o desperdiça para conseguir coisas fúteis e prazeres de pouca duração. Isso é o que significa ‘tornar árido’. Também a mente está sempre ameaçada pelo “gado” das paixões e por conseguinte necessita ser protegida por uma cerca. O nome de Deus é a cerca mais forte que existe, pois protege a uma pessoa até dos repetidos nascimentos e mortes. O corpo não é permanente, cedo ou tarde devemos abandoná-lo. Por isso devemos tratar de juntar a fruta da imortalidade, semeando o nome de Deus como semente e regando-a com amor. Tudo isso é muito simples, no entanto o ser humano não quer crer que por essa prática se pode chegar a Deus, busca coisas complicadas, exercícios físicos

difíceis, posturas raras e coisas semelhantes. Por trás de toda essa busca, não há um desejo genuíno de ver a Deus, senão de conseguir saúde, longevidade do corpo, etc.

O nome do Senhor é uma fonte de grande força, tendo a qual o homem de fé enfrenta todas as situações difíceis do mundo, mais ainda, enfrenta até a morte. A morte não o assusta mais porque sabe que não pode destruí-lo, que só o une com seu bem-amado Deus. Está pronto para afogar-se no mar da vida clamando 'Glória ao Senhor!'. A literatura religiosa da Índia está cheia de cantos que descrevem vividamente a potência e a glória do nome de Deus e essas canções não foram escritas por meros poetas, senão por homens e mulheres de experiências místicas, portanto têm valor e autenticidade, pois descreveram o que eles mesmos experimentaram em suas próprias vidas. Se conta a estória de um corvo que estava muito dedicado a repetição do santo nome de Rama. Vivia próximo a um lago, mas era tal seu anelo e gosto pelo nome do Senhor, que mesmo tendo sede não queria beber água por medo de interromper a repetição. Este gosto pelo nome de Deus é muito importante na vida espiritual, assim como se diz que o paciente que sofre de febre tifoide tem gosto pela comida então há esperança de sua recuperação, da mesma forma, aquele que tem gosto pelo nome do Senhor tem esperança de desfazer-se das amarras do mundo e alcançar a liberação. A repetição do nome de Deus se chama *Japam* em sânscrito. Geralmente, como já vimos, junto com a ideia vem à mente a forma concreta do objeto que essa ideia representa. Mas tal é o encanto que os objetos do mundo têm para a mente do homem comum que mesmo repetindo o nome de Deus não pensa n'Ele, pelo contrário, pensa em qualquer outra coisa, menos no Senhor. *Japam*, segundo Patanjali, o grande psicólogo hindu de outra época, consiste na repetição do *mantra* (fórmula sagrada) junto com o pensamento de seu significado. Um *mantra* é uma fórmula sagrada, geralmente um nome de Deus unido à sílaba *Om* e às vezes com outra sílaba sagrada. Mediante o *japam*, tenta-se concentrar-se no Ideal que o *mantra* representa e com esse propósito algumas pessoas piedosas na Índia quando chegavam a certa idade se retiravam das atividades mundanas e iam aos lugares santos como Benares para passar o resto de suas vidas na companhia de homens dedicados a Deus e ao pensamento do Senhor, pois Sri Krishna disse no *Bhagavad-Gita*, "Uma pessoa vai às regiões ou objeto em que pensa no último momento de sua vida, pois nesse momento vem a sua mente o pensamento do que constantemente pensou durante toda sua vida, portanto, ó Arjuna, pensa sempre em Mim, o Senhor e luta. Dedique seu intelecto e mente a Mim e sem dúvida virá somente a Mim", conclui Sri Krishna. Vemos assim que a constante recordação de Deus é a única maneira de salvar-nos deste labirinto do mundo. O nome de Deus é muito eficaz em mais de um

sentido. No *Bhagavata*, outro livro sagrado dos hindus, lemos o episódio de Ajamila. Era um *brahmin* de nascimento, mas depois de levar uma vida correta, digna de um *brahmin*, caiu do caminho [espiritual]. Casou-se com uma mulher de baixa casta, esquecendo todos os seus deveres como *brahmin* e viveu submerso na mundanidade. Certa vez ficou seriamente enfermo e perdeu-se toda a esperança de recuperar-se. Sofria de dores agudas e em sua angústia pronunciou a gritos o nome de seu querido filho que afortunadamente se chamava Narayana. Então, disse a estória, que os mensageiros de Narayana, o Senhor, chegaram ali para socorrer o devoto mesmo que houvesse pronunciado Seu nome sem intenção de chamá-Lo e o salvaram da morte iminente dando-lhe outra oportunidade de reformar-se. Ajamila pode recordar nesse momento de crise o nome de seu filho, que tinha o mesmo nome do Senhor pois havia feito algo bom em sua juventude. Sri Krishna nos assegura que o bem feito por uma pessoa, ainda que seja muito pouco, a salva de graves perigos. Ajamila é um exemplo dessa asseveração do Senhor. No entanto, hoje em dia as pessoas não têm fé no nome de Deus. Às vezes se ouve dizer que nesta época a repetição do santo nome de Deus não dá resultado. Mas Sri Ramakrishna afirma várias vezes que a eficácia do nome de Deus não se perde jamais. Pode ser que tarde em dar frutos devido a débil fé ou falta de sinceridade do praticante, mas não obstante chegará o dia em que dará seus frutos, assim como uma semente deixada sobre o teto de um edifício brota quando a casa desmorona e a semente cai ao solo. O nome do Senhor é como a pedra filosofal que converte os metais em ouro, é como a vareta do mago que faz milagres inacreditáveis, com uma pequena diferença que nestes últimos casos os milagres do mago são de momentânea duração, em troca, a transformação que o nome de Deus faz num aspirante sincero é permanente, é para sempre. Aachamos referências sobre a eficácia do nome [de Deus] inclusive nos *Vedas*, que demonstra que esse método não foi uma inovação posterior à época dos *Vedas*. Por exemplo, encontramos um verso no *Sama-Veda* que disse. “Ó Senhor onipresente, não usamos os postes de sacrifício, nem sacrificamos animais, no entanto adoramos a Ti pela repetição de Teu nome.” Os *Upanishads* menores, o *Ramayana*, o *Bhagavad-Gita*, o *Mahabharata*, o *Bhagavata* e outros *Puranas* contêm hinos e instruções sobre o *Japam*, ou repetição do *mantra*. O *Yogashikha Upanishad*, por exemplo, define o *mantra* (fórmula sagrada) assim, “O *mantra* é sagrado devido à que dá lugar a reflexionar por seu poder salvador e também porque revela a natureza do Senhor e constitui Sua morada.” Outro *Upanishad* disse, “Rama por Sua conduta e Sua vida estabeleceu o caminho da retidão e por Seu nome o caminho do conhecimento.” O *Mahabharata* afirma, “O aspirante, pela repetição do *mantra*, reflexionando sobre seu significado e aderindo-se aos votos de *brahmacharya*

(castidade) alcança o Altíssimo. Sri Krishna no *Bhagavad-Gita*, quando fala de Suas manifestações mais excelsas se refere ao *japam* como a Si mesmo. É um método seguido por quase todos os caminhos para Deus. O *yogui* repete a sílaba OM, o seguidor do caminho do conhecimento também repete uma fórmula sagrada e mesmo que não seja um nome de Deus Pessoal, tem alguma relação com seu Ser íntimo que é idêntico com *Brahman*, o Absoluto. Por certo o devoto, o seguidor do caminho da devoção, depende principalmente dessa prática para chegar a sua meta. Somente o *karma-yogui*, se não crê em Deus, não reza. Mas é muito difícil encontrar um *karma-yogui* assim, pois se não tem a quem dedicar suas ações, este praticante logo se torna egoísta e perde de vista a meta de sua vida.

Outro método para recordar o nome do Senhor consiste em cantar hinos e canções que descrevem Sua glória. Na Índia os devotos cantam em coro os nomes de Deus ou Suas Encarnações e para isso há os chamados *Ashtottarashata* e *Sahasranama*, ou seja, os cento e oito e os mil nomes do Senhor. Alguns devotos recitam esses livros todos os dias antes de tomar qualquer alimento. E cada um desses nomes traz a mente do devoto algum episódio que descreve a graça que outro devoto recebeu de Deus em outra época ou expressa alguma façanha do Senhor em alguma de Suas Encarnações. Também podem expressar as características proeminentes de uma Encarnação, por exemplo, Sri Krishna tem vários nomes como Gopala, Giridhari, etc. Gopala significa aquele que cuida das vacas [pastor] e Giridhari, aquele que sustém o monte, todos incidentes de Sua vida em Vrindavan. Quando o devoto canta esses nomes passam por sua mente os episódios e jogos do Senhor e se esquece do mundo. Do mesmo modo o devoto de cada aspecto de Deus como Shiva, Kali, etc., cantam esses hinos relacionados com esses aspectos particulares para concentrar sua mente na Divindade. Para a melhor demonstração da eficácia do santo nome de Deus temos diante de nós os ilustres exemplos das Encarnações Divinas, Seus apóstolos e outros sábios e santos. Sri Chaitanya em sua juventude exerceu a profissão de professor de lógica e era considerado o melhor professor dessa matéria em sua época. Tinha uma jovem esposa, no entanto ao receber a iniciação no santo nome de Deus, perdeu todo o gosto pela erudição e pela vida mundana, como se um rio caudaloso tivesse arrasado todos os impedimentos em seu caminho ao oceano. Nem os pedidos de seus alunos para que terminasse de ensinar seu curso começado, nem os ansiosos pedidos de sua mãe puderam mantê-lo envolvido no mundo, tal era a atração que sentia por Deus. Mais adiante, ele mesmo por sua vez foi o centro de atração para muitos. Falando sobre Sri Chaitanya, Sri Ramakrishna comenta, “As pessoas mundanas não vão te escutar se lhes pede que renuncie a tudo e se dedique totalmente a Deus,

portanto Sri Chaitanya e Nitai, depois de deliberar sobre esse assunto chegaram a um acordo para atrair as pessoas mundanas. Lhes diziam, ‘Venham, repitam o nome do Senhor e terão uma deliciosa sopa de peixe fino e o abraço de uma jovem mulher’. Muita gente atraída por essas coisas começava a cantar o nome de Deus. Depois de saborear o néctar do santo nome de Deus, se davam conta que a sopa de pescado na realidade significava as lágrimas que eles vertiam por amor a Deus, enquanto que a jovem donzela não era outra coisa senão a própria terra. O abraço da mulher queria dizer rodar pelo solo em um êxtase de Divino amor.’ Sri Chaitanya sentia compaixão pelas pessoas que viviam imersas na mundanidade e por isso para ensinar-lhes a sair deste lodaçal, prescreveu o nome de Deus como o mais adequado.

Sri Ramakrishna nesta época, atacou com viva força, por assim dizer, a cidadela de Deus com o nome da Mãe Kali. Podemos dizer que fez todas as demais práticas e austeridades depois de sua primeira visão da Divina Mãe e foi tal a insistência e força dos rogos desse menino, que a Divina Mãe não pode ocultar-se dele por mais tempo. Ele a obrigou a revelar-se pegando a espada que estava pendurada no templo, com a intenção de matar-se, pois tal era a angústia que sentia pela separação da Divina Mãe. E mesmo depois das demais práticas, até de monismo, manteve em sua relação com Deus a atitude de um menino por sua mãe e todas as vezes que se sentia perturbado pelo comentário de seus discípulos sobre suas visões, recorria a Mãe do Universo e Ela o consolava. Se lemos o *Evangelho de Sri Ramakrishna*, em que estão anotados alguns acontecimentos e conversações dos últimos quatro anos de sua vida daremos conta de quão ébrio ficava com o canto do nome de Deus e quão frequentemente entrava em Divino êxtase ouvindo cantar o nome ou louvores do Senhor. Nessas ocasiões muitas vezes se perdia por completo no mais profundo *Samadhi*, não obstante, sempre repetia os santos nomes de Deus de madrugada e ao anoitecer.

Pode perguntar-se, os hindus dizem que tal ou qual pessoa é uma Encarnação Divina e ao mesmo tempo falam das práticas e austeridades feitas por eles. Se realmente são Encarnações [Divinas], devem ser perfeitas desde seu nascimento, como Deus é perfeito, então que necessidade eles têm das práticas ou outras disciplinas espirituais? Primeiro vamos responder esta pergunta com outra concomitante. Que necessidade teve Deus de projetar esta criação se é perfeito e não lhe falta nada, não tendo nenhum motivo ou interesse próprio? Devemos admitir que não havia esta necessidade, nem tem motivo algum, que tudo que fez é como se fosse um jogo. Similarmente, Ele descende de vez em quando à Terra para ensinar a humanidade como devemos sair deste remoinho do mundo. E quando vêm, forçosamente têm que aceitar um corpo e como consequência desempenhar o papel de um homem, tendo então fome e sede,

enfermidade e aflição. Mas uma Encarnação Divina não sucumbe a esses transtornos, senão que nos mostra como devemos enfrentá-los e qual o objetivo da vida do ser humano. Se a humanidade não tem diante dela exemplos de vidas perfeitas e do modo de aperfeiçoar-se, nunca tentará fazê-lo. Pensará que todos os conselhos que se encontram nos livros sagrados não são mais que teorias impraticáveis, portanto essas Encarnações e outros homens perfeitos vêm a Terra e colocam em prática as indicações das escrituras, apenas com a finalidade de demonstrar ao ser humano que Deus não é um mito, senão que existe eternamente e que se alguém tentar, pode vê-Lo. A esse respeito Sri Ramakrishna costumava dizer, “Os *Ishvarakotis*, os sempre-perfeitos, praticam disciplinas espirituais apenas pelo bem da humanidade, para deixar um exemplo. Vêm ao mundo pra ensinar ao homem o caminho para Deus.”

Se poderia dizer que tudo isso está certo no caso das Encarnações e Seus apóstolos, que foram perfeitos desde o nascimento ou tiveram mestres poderosos para ajudá-los e guiá-los, mas que nós temos que vencer uma grande carga de tendências inerentes contrárias. A isso podemos responder que justamente por essa razão devemos prender-nos ao nome do Senhor, então desaparecerão pouco a pouco todos os contratempos e más tendências. Não necessitamos fazer grandes sacrifícios, nem exercícios difíceis se podemos repetir o nome de Deus com fé, constância e anelo, de madrugada e ao anoitecer. Sri Ramakrishna nos assegura que repetindo o nome do Senhor se purifica a mente e o corpo de uma pessoa e que nessa mente pura se reflete a imagem de Deus em todo seu esplendor. Ele não se cansava em dar ênfase na fé no poder do nome de Deus. Citava uma estória dos *Puranas* para ilustrar isso. Certa vez um homem ia cruzar o mar do Ceilão [hoje Sri Lanka] até a Índia. Vibhishana, o rei do Ceilão lhe disse, ‘Ata isto na sua vestimenta e poderás cruzar o mar sem nenhum perigo caminhando sobre suas águas, mas tenha cuidado, não queira saber o que tem dentro, senão afundarás.’ O homem com muita facilidade ia caminhando por sobre as águas, quando tendo já ido por um bom trecho [do mar] pensou, ‘Que será essa coisa maravilhosa que Vibhishana me deu que me capacita para caminhar sobre as águas? Em seguida desatou o nó [do pacote] e achou uma folha com o nome de Rama escrito nela. Pensou, ‘Oh, só isso?’ e instantaneamente se afundou nas águas.’ Como já dissemos, repetir o nome do Senhor não é uma peculiaridade dos hindus. Na Bíblia também encontramos algumas passagens glorificando o nome de Deus. Nos *Salmos* encontramos esses versos, ‘Em Ti se regozijam os que amam Teu nome. Também ‘Canta Davi quando estava no deserto, ‘Deus meu és Tu. De madrugada Te buscarei. Minha alma tem sede de Ti, minha carne Te anela. Em terra seca e árida, onde não há águas para ver Teu poder e Tua glória, assim como mirei no santuário, pois

melhor é Tua misericórdia que a vida, meus lábios Te glorificarão, assim te abençoarei em minha vida, em Teu nome levantarei minhas mãos”. Também, ‘Clamai a Deus com alegria por toda a terra, cantai a glória de Seu nome, glorificai seu louvor’. Vemos assim que esta prática não é estranha para nenhuma religião, por isso já que sentimos a carga de nossas tendências contrárias, devemos refugiar-nos no nome de Deus, tendo confiança nessa declaração do Senhor Jesus Cristo, ‘Venham a Mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu darei descanso a vocês.’³ No entanto, a verdade é que a fé na potência do nome do Senhor surgirá no homem quando tenha sua própria experiência. Recordemos o que disse o Senhor Jesus Cristo, ‘Pedi, e vos será concedido; buscai, e encontrareis; batei, e a porta será aberta para vós. Pois todo aquele que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, se lhe abrirá’⁴. E também, ‘E tudo que pedires em oração, crendo, o recebereis.’⁵ A palavra ‘crendo’ é muito importante, pois sem fé em Seu nome, sua mera repetição não nos dará o devido fruto.

Por acaso devemos repetir o nome de Deus para conseguir coisas materiais? Sem dúvida Deus cumprirá todos nossos desejos se Lhe pedimos com ansiedade, mas não é bom para nossa vida espiritual que todos eles se cumpram. Poderemos ter mais riquezas, mais conforto, etc. No entanto nunca teremos a saciedade dos prazeres do mundo nem teremos paz. Portanto devemos ter o cuidado de não pedir nada deste mundo a Deus quando praticamos a repetição de Seu santo nome. Em um verso está dito, “Benditas são aquelas pessoas virtuosas que bebem o néctar da Imortalidade do nome do Senhor”. Realmente são benditas, pois não é privilégio de todos ter alegria na repetição do nome de Deus, muitos o fazem mecanicamente e a maioria da humanidade o ignora por completo. Tratemos de conseguir este gosto por Seu nome, que nos levará através do mar do nascimento e morte. Que Deus nos ampare, nos dê refúgio aos Seus pés e que sintamos felicidade na repetição de Seu nome.

• • • • •

*Este texto foi traduzido por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda, Santa Mãe e da Vedanta.

*Todas as notas de rodapé foram editadas por este estudante.

³ Mateus 11:28

⁴ Mateus 7: 7-8

⁵ Mateus 21:22